

» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **SONS E SILÊNCIOS: MEMÓRIAS E NARRATIVAS DAS FILARMÔNICAS BOMFIM E LYRA POPULAR DA CIDADE DE CASTRO ALVES – BA**

Aldo de Oliveira Andrade Júnior<sup>1</sup>

Aluno do Mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional na UNEB

Email: aldojmr@yahoo.com.br

*Uma cidade sem música é uma cidade sem alma*  
Aurino de Azevedo Teixeira

**Resumo:** Esse trabalho visa refletir sobre registros da Sociedade Filarmônica Bomfim e Sociedade Filarmônica Lyra Popular nos livros de memorialistas e tomos da Paróquia de Castro Alves. Isto se deve ao fato de que na leitura de Teixeira, Blumetti e Souza e convivência com músicos das filarmônicas percebeu-se a inexistência de registros desses artistas populares nas manifestações musicais castroalvenses. A ausência de instrumentistas das camadas populares nas obras de memorialistas motivou a pesquisa e a organização de Sons e Silêncios: Memórias e Narrativas das Filarmônicas de Castro Alves-Ba (1940-1990), para ampliar o conhecimento sobre um significativo universo musical até então superficialmente analisado. Nesse sentido, nosso objetivo principal é analisar registros de memorialistas da história local e memórias orais de músicos e maestros das filarmônicas Bomfim e Lyra Popular e de seus próximos que compartilharam de suas vivências no universo histórico, social, cultural e musical popular urbano. Assim, pretende-se verificar se existe ou não diferenças entre os registros de memorialistas e memórias orais de músicos e prováveis impactos dessas diferenças na trajetória das filarmônicas de Castro Alves-Ba.

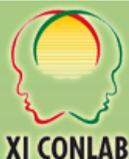
**Palavras-chave:** Memórias - Narrativas - Filarmônicas

### **Introdução**

Esse artigo revela parte do processo de concepção e elaboração da dissertação *Sons e Silêncios: Memórias e Narrativas de Músicos das Filarmônicas Bomfim e Lyra Popular da Cidade de Castro Alves – BA*, cuja pesquisa e escrita desenvolvem-se no Mestrado de Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. A pesquisa visa levantar reflexões sobre registros da Sociedade Filarmônica Bomfim e da Sociedade Filarmônica Lyra Popular nos livros de memorialistas e tomos da

---

<sup>1</sup> Aluno do Mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional na Universidade do Estado da Bahia, Campus V. Email: aldojmr@yahoo.com.br

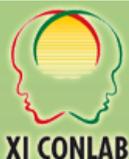


» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Paróquia de Castro Alves B/A. Isto se deve ao fato de que na leitura de Teixeira, Blumetti e Souza e convivência com músicos das duas filarmônicas foi percebida a inexistência de registros desses artistas populares e de suas manifestações musicais. Assim, a ausência de instrumentistas das camadas populares nas obras de memorialistas castroalvenses motivou a pesquisa e a organização desse trabalho, no intuito de ampliar o conhecimento sobre um significativo universo musical até então superficialmente analisado. Nesse sentido, o objetivo principal constitui-se em analisar registros de memorialistas da história oficial local e memórias orais de músicos das filarmônicas da cidade de Castro Alves, entre as décadas de 1940 e 1990, e de seus próximos que compartilharam de suas vivências no contexto social, cultural e musical popular urbano. Tal contexto gerou o estudo da memória musical e sua provável influência na renovação de gerações de instrumentistas pertencentes às camadas populares urbanas. Dessa forma, pensou-se na possibilidade de compreender até que ponto a análise da memória de antigos músicos poderia ser relevante na reflexão sobre a trajetória de músicos das filarmônicas castroalvenses e possíveis benefícios das filarmônicas para uma parcela do povo castroalvense.

Nesse sentido, iniciaram-se investigações de registros das filarmônicas Bomfim e Lyra Popular nos tomos da Paróquia e nas obras de memorialistas; realizaram-se reflexões sobre identidades, práticas e linguagens de músicos das filarmônicas e suas táticas para permanecer no cenário cultural e musical urbano, bem como, foram feitas análises de relações de maestros e músicos com membros de diretorias das filarmônicas, patrocinadores e políticos. Também foi apresentada a versatilidade de músicos formados nas filarmônicas castroalvenses em lugares de manifestações de cultura popular. Tendo em vista tais objetivos, o trabalho encaminhou-se para a verificação da existência ou não de diferenças entre os registros de memorialistas e memórias orais de músicos e prováveis impactos dessas diferenças na trajetória das filarmônicas da cidade de Castro Alves-Ba.

Com outras fontes de igual importância, foram utilizadas memórias e narrativas de músicos das filarmônicas Bomfim e Lyra Popular e de seus próximos, ata de fundação e estatuto da Lyra Popular e registros fotográficos referentes à conjuntura musical local, pouco conhecida no contexto da música instrumental popular baiana.

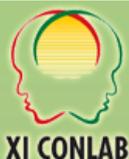


» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Quanto ao embasamento teórico, fundamentamos nossa pesquisa em autores que discutem os conceitos de memória individual e social, a relação entre a memória, a imagem e a história e diferentes concepções de cultura popular, relacionados à história social e cultural da música popular de sociedades filarmônicas, com prioridade para o contexto local e regional inseparável do âmbito nacional. Diante da carência de fontes escritas, para ampliar as informações, recorreu-se também a História Oral, fundamentado principalmente em autores como Alessandro Portelli, Alistair Thomson, Michael Pollak, Ecléa Bosi e outros. Assim, começou em 2007 a gravação de conversas com os poucos músicos da velha guarda e seus próximos, testemunhas de suas trajetórias musicais.

No processo heurístico de busca de fontes orais e iconográficas (KOSSOY, 2001), surgiu o músico e atual presidente da Lyra Popular, Edinaldo dos Santos Melo, (Nado), interessado em reconstruir a história das filarmônicas castroalvenses. Ele passou a ser um mediador assíduo de conversas com músicos do tempo mais ativo das filarmônicas de sua cidade natal, além de contribuir na identificação de músicos que tocaram nas filarmônicas e bandas de jazz em diferentes momentos da memória musical castroalvense. No percurso do presente para o passado foram adicionadas memórias e narrativas de outros músicos de gerações mais recentes das filarmônicas castroalvenses, ampliando uma movimentação cada vez mais intensa pelas tênues fronteiras entre as memórias individuais e coletivas. Ao longo da pesquisa e sistematização de dados, também, surgiu à necessidade de compreender melhor a música popular praticada por “indivíduos pobres das classes trabalhadoras, músicos das camadas populares urbanas” (TINHORÃO, 1990), que tocaram nas filarmônicas em festas populares em Castro Alves e em outras cidades.

Nesse sentido, deu-se ênfase ao conceito de cultura popular dinâmica, arranjada, construída e transformada no processo histórico, cuja dicotomia pode ser cristalizada ou diluída, a depender das relações desenvolvidas em seu interior e com a sociedade em que está inserida (HALL, 2003). A cultura popular que interage cotidianamente com a cultura da elite, se conforma, resiste, rompe, negocia, incorpora ou rejeita seus valores, símbolos, idéias e práticas (CHAUI, 1986). Uma cultura popular em tensão com a indústria da cultura, promotora de uma cultura de massa, que pode desprezar a qualidade da criação



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

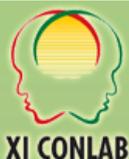
artística e privilegiar os produtos de consumo descartáveis, reprodutores do lucro capitalista (CHAMBERLAIN, 1999), caso não seja contestada por argumentos críticos e ações transformadoras.

Dessa forma, reafirma-se que uma das saídas para encontrar outras versões para além da cultura oficial, foi ouvir músicos das filarmônicas, idosos e pobres, moradores de casas simples nas ruas da cidade de Castro Alves, a partir de anseios do presente em busca de respostas na memória que é passado, “o referente último da memória continua sendo o passado” (RICOEUR, 2005, p. 26), e da suposição de que o esquecimento de registrar músicos pode ter sido pensado como manipulação da memória coletiva pela história oficial. Assim, as memórias orais de músicos, maestros e compositores castroalvenses, geradoras de novas histórias, constituíram a principal matéria prima do estudo sobre a memória viva de pedreiros, marceneiros, funileiros, alfaiates, feirantes, sapateiros, militares, ferroviários, funcionários públicos, ao mesmo tempo, dedicados instrumentistas da Bomfim e Lyra Popular, que interagiram com políticos, religiosos e comerciantes no intuito de conservar suas instituições musicais.

Enfim, recolher, organizar e analisar memórias orais de músicos das filarmônicas da cidade de Castro Alves BA, inseridas no contexto musical de Lyras interioranas do Recôncavo Baiano, surge da vontade de tentar compreender melhor vivências de protagonistas de uma arte musical cultural popular urbana, introduzida no Brasil no século XIX, que contemporaneamente ainda busca resistir às inovações tecnológicas e aos apelos consumistas da indústria cultural do sistema capitalista. Segundo Edward Said, “a música talvez seja a resistência final a aculturação e à mercantilização de tudo (SAID *apud* SANTANA, 2009, p. 270). As filarmônicas representam uma célula dessa resistência.

### **Origem das Filarmônicas Castroalvenses**

Segundo José Ramos Tinhorão (1990, p. 139), “o final do século XIX assinala a ocupação do espaço musical urbano pelas bandas de corporações militares nos grandes centros urbanos e pelas pequenas bandas municipais ou Lyras formadas por mestres interioranos,



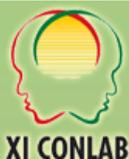
» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

nas cidades menores”. Nesse contexto musical da segunda metade do século XIX, ocorreu a primeira fundação da Sociedade Philarmônica Lyra Popular e da Sociedade Philarmônica Bomfim na cidade de Castro Alves B/A. O diploma de sócio fundador da Sociedade Philarmônica Bomfim do coronel e ex-intendente Antonio Ferreira Soares e de sócio fundador da Sociedade Philarmônica Lyra Popular da ex-primeira dama, dona Francelina Dultra Soares, comprovam que as duas filarmônicas castroalvenses também são instituições musicais centenárias. Isso atesta que a primeira fundação da Bomfim ocorreu em 1878 e da Lyra Popular em 1894, na vila de Currálinho, que consegue sua emancipação político-administrativa da vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira em 26 de Junho 1880; é contemplada com a construção da estrada de ferro em 1881, inaugura sua Estação Ferroviária em 1883; é elevada ao foro de cidade de Currálinho em 1895 e muda o topônimo de Currálinho para Castro Alves em 25 de julho de 1900, momento em que recursos oriundos da economia fumageira começam a financiar sua incipiente urbanização. A partir da segunda década do século XX, recomeça uma intensa atividade musical em Castro Alves B/A. Segundo narrativa do professor Antonio Fernando Reis (2010) “em 29 de agosto de 1920 é inaugurada a torre da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, ao som da Lyra Popular, nesse ano Padre Pedreira assumia a prefeitura de nossa cidade”. Naquele momento, acontecia também a segunda fundação da Filarmônica Bomfim, registrada no tomo da Paróquia de Castro Alves, “15/03/1925 – Inauguração da Sociedade Filarmônica Bomfim; tendo como Presidente Alcides Ribeiro Magalhães” (DIOCESE DE AMARGOSA, [s.d.], p.15). O memorialista Aurino Teixeira (1990, p. 34) complementa a informação em seu livro, “Sociedade Filarmônica Bomfim, inaugurada em 15 de março de 1925: 1º Presidente: Alcides Ribeiro Magalhães; Atual: Antônio Ramos dos Santos. Fundadores: Alcides Ribeiro Magalhães, André Álvares Machado, Gabino Bonifácio dos Santos, [...] e outros”. A segunda fundação da Lyra Popular ocorre em 08 de Dezembro de 1926, registrada no tomo da Paróquia de Castro Alves, “08/12/1926 – Inauguração da Sociedade Filarmônica Lyra Popular” (DIOCESE DE AMARGOSA, [s.d.], p.16). Teixeira (1990, p. 34) também registrou, “Sociedade Filarmônica Lyra Popular, inaugurada em 08 de Dezembro de 1926. 1º Presidente: Leopoldo Torres Cerqueira, Atual: Guglielmo Dias



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

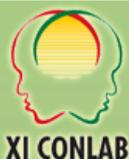
Mascarenhas, Fundadores: Leopoldo Torres Cerqueira, [...], Padre João Pedreira do Couto Ferraz, Dr. Rafael José Jambeiro [...] e outros”.

Na década de 1920, também é importante registrar um acontecimento para a Lyra Popular no ano de sua reinauguração, narrado pelo músico Edgar Vilas Boas Amorzinho (2010), “eu não era nascido, os mais velhos contam que em 1926 chegou o novo instrumental para a Lyra, vindo de Paris, na França, da marca Adolpho Sax, veio até cientista para ver a direção e a força do vento para a afinação desses instrumentos”.

Portanto, registros do tomo da Paróquia de Castro Alves e informações do livro do memorialista Teixeira, somados às memórias herdadas ajudam a ratificar a década de 1920, como um período de plena atividade musical, no qual músicos das filarmônicas locais e de outras cidades do recôncavo embelezavam com seus sons os eventos socioculturais castroalvenses. Nesse sentido, segue a busca entre as leves fronteiras entre a memória individual e a memória coletiva que, “possibilita resgatar as marcas de como foram vividos, sentidos, compreendidos determinados momentos, determinados acontecimentos, ou mesmo o que e como foi transmitido e registrado pela memória individual e coletiva” (MONTENEGRO, 1992. p. 56). Enfim, adicionar memórias de músicos e adeptos das filarmônicas possibilita persistir na tentativa de compreender melhor vivências e sentimentos desses músicos populares, em relação às retretas e tocatas do passado, bem como procurar entender suas ações e omissões para manter as estruturas da Bomfim e Lyra Popular de Castro Alves B/A, instituições que foram capazes de formar músicos que leram partituras e tocaram em diferentes tempos e lugares de memória-histórica musical urbana.

### **O Baú de Partituras**

Com o baú de partituras da Lyra Popular, que tem entre outros tesouros, a fantasia ‘Camponesa do Sertão’, composta pelo maestro Amando Nobre em 1918, composição para conjunto musical, copiada na cidade de Muritiba, em 12 de outubro de 1938, pelo maestro Aloysio Flávio Pimenta, que passou pela filarmônica Lyra Popular da cidade de Castro Alves, ratificamos a riqueza simbólica da cultura musical popular, confirma-se a



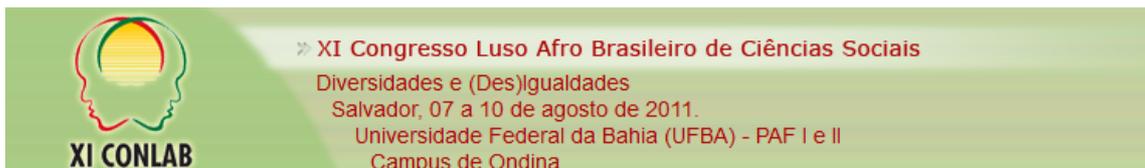
» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

possibilidade de considerar que “a passagem da memória à história deu a cada grupo a obrigação de redefinir sua identidade pela revitalização de sua própria história. O dever de memória faz de cada um o historiador de si mesmo” (NORA, 1993, p. 29). Edinaldo Melo relaciona partituras e fala do grupo musical ao qual pertence há mais de 20 anos,

Um baú de partituras não é formado da noite para o dia, o baú da Lyra é grande porque o maestro Aloísio Pimenta trouxe muita coisa, Abel Novaes trouxe e compôs muita música também, Moncorvo que regeu a Lyra de 1968 a 1982, além de trazer suas próprias composições trouxe outras de outros compositores e o maestro Edinho quando voltou para a Lyra, que havia deixado por imposição do Ato Institucional nº 5, também trouxe fora as partituras que o Padre Pedreira comprava desde a década 1920. Portanto, o Baú de Partituras é uma das maiores riquezas de uma filarmônica. A Lyra Popular tem seu Baú de Partituras com composições dos Maestros/Compositores não só da Lyra e da Bomfim, mas de compositores de outras filarmônicas do Recôncavo Baiano.

Para ressaltar a importância sociocultural do baú de partituras para a arte e a memória social da música na Lyra e na Bomfim, esquecida pela história oficial da cidade de Castro Alves, a narrativa de Melo (2010) é reveladora, “pesquisando em nosso baú chego à certeza de que Moncorvo foi o maestro e compositor que mais escreveu em nossa banda, deixando um variado arquivo musical com Dobrados, Fantasias e Frevos, já encontramos mais de 15 composições dele”. Nesse contexto, um costume é apresentado por Santana, “certamente, ampliou-se por todos eles o costume de oferecer uma composição, particularmente um dobrado, na forma de uma distinção, um agrado, como homenagem dedicada a amigos e personalidades locais (SANTANA, 2009. p. 274). Tal costume também foi narrado por Melo,

No Baú da Lyra encontra-se o dobrado Monsenhor Pedreira e o dobrado Dr. Valfredo Thales Amorim e Souza, compostos pelo maestro Moncorvo, em homenagem a dedicação do Padre Pedreira e de Valfredo na Diretoria da Lyra. Os maestros também escreviam dobrados em comemoração a acontecimentos políticos históricos, “Moncorvo compôs em 1980 o “Dobrado Centenário” em comemoração aos cem anos da emancipação política de Castro Alves em 1880”. “os Dobrados eram oferecidos aos homens adeptos das filarmônicas e as marchas e polcas eram dedicadas às mulheres adeptas das filarmônicas”. Ainda escutamos de Edinaldo Melo que “Antonio Braga que regeu a Bomfim, compôs a marcha Enesina e João Mariano Sobral é o autor da Polaca Zélia e da Marcha Railda Lobo (MELO, 2010).



Portanto, memórias e narrativas de músicos, como Edinaldo Melo, introduzem e ampliam o conhecimento sobre marchas e dobrados das filarmônicas castroalvenses em retretas, comemorações cívicas, cortejos fúnebres, procissões e festas populares.

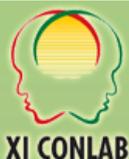
### **Memórias de Músicos da Bomfim e Lyra Popular em Disputas de Retretas**

Na continuação da tentativa de ampliar a compreensão de vivências de músicos das filarmônicas castroalvenses no passado, são encontrados indícios que os antigos moradores da cidade sentem saudade do que para eles foi o período de ouro desse saber local. O tempo de disputas de retretas das duas filarmônicas, herdeiras das bandas de barbeiros, no suntuoso ‘Coreto de Treliça’ da Praça Dionísio Cerqueira, apreciadas por torcidas entusiasmadas na defesa de sua instituição musical preferida. Apesar das duas filarmônicas castroalvenses surgirem no final do século XIX, ampliando o espaço e a oportunidade de oferecer música para a população urbana, conforme afirma Tinhorão (1990, p.116),

Na verdade, uma das poucas oportunidades que a maioria da população das principais cidades brasileiras tinha de ouvir qualquer espécie de música instrumental, nessa segunda metade do século XIX, era de fato a música domingueira dos coretos das praças proporcionada pelas bandas marciais.

Em Castro Alves, somente em 16 de dezembro de 1928 aconteceu a edificação de um dos mais bonitos coretos da Bahia. A inauguração do belo ‘Coreto de Treliça’ , foi registrado no tomo da Paróquia.

16/08/1928 - Festa da Padroeira da cidade de Castro Alves, Nossa Senhora da Conceição, com Missa cantada pelo Pe. Dr. José Correia, presentes o Padre Atílio Brandão, Vigário de Santa Terezinha, e Pe. Alberico Marques, Vigário de Jaguaquara. Nesse dia houve a inauguração do Coreto levantado ao lado da Igreja Matriz, construído pela Comissão da Festa da Padroeira, deste ano, contando também com a colaboração da Prefeitura, através de seu Intendente General Joaquim Cerqueira Daltro. Após a inauguração foi entregue oficialmente, através de documento, ao Município, sob condição de não poder ser demolido, nem ser cobrado taxa para a tocata de Filarmônica por ocasião das Festas religiosas (DIOCESE DE AMARGOSA, [s.d], p.18).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

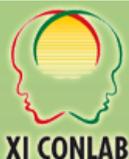
Portanto, a inauguração do coreto foi fundamental para as disputas de retretas entre a Bomfim e a Lyra Popular, que poderiam começar ou terminar no coreto da Praça Dionísio Cerqueira, antes de seguir por outras ruas e praças da cidade. O coreto construído pela comissão da Festa da Padroeira foi completamente descaracterizado e recentemente substituído por um moderno que não chega nem perto da beleza do antigo.

Naquele tempo, a feira livre ainda acontecia na Praça da Igreja e do antigo coreto de treliça, constituindo um espaço sociocultural bastante aproveitado. Um registro destaca as retretas nesse coreto, compondo um espaço de sociabilidade. “Por este coreto passaram grandes oradores poéticos e sacros”. “Aí aconteceram os famosos “pegas” entre a Lyra e a Bomfim”. “Uma cidade sem coreto é como uma canção sem cantar” (BLUMETTI & SOUZA, 1980. p. 21). No fragmento de um artigo de Santana (2009. p. 278) aparece o mesmo fragmento,

No coreto de Castro Alves, entreveros entre a Lyra Popular e a Bomfim eram apreendidos no sentido de disputas pela hegemonia “político-musical e de um tipo de identidade urbana, na terra do Poeta. Lá, o grandioso e hoje demolido coreto significa um campo de batalhas pelo direito à herança da obra do Poeta dos Escravos. Aquela que primeiro abandonasse o debate musical seria a derrotada. A praça traduzia a possibilidade de poeticidade, a considerar a sensação de que “uma cidade sem coreto era uma canção sem cantar” .

A seguir, uma memória oral começa a revelar como músicos da cidade identificavam-se com uma das duas filarmônicas e se preparavam para as disputas de retretas entre a Bomfim e a Lyra Popular. A narrativa é de Dona Tereza dos Santos Silva, ex-esposa do músico Diolison Lima, Diu do Flautim. Segundo ela, “era uma política danada, porque uma queria ser melhor que a outra. No coreto e na Estátua da Praça São José. O coreto tinha a cobertura, era bonito, quando se encontrava era para brigar” (SILVA, 2010). Tal narrativa indica que “em nossa área de atuação, a voz de todos esses indivíduos, isolados e obscuros é igualmente importante” (PORTELLI, 1997. p. 18). Nesse sentido, aparecem táticas de músicos e maestros para vencer as retretas, em narrativas do músico Edinaldo Melo, o mais atento ouvinte de memórias musicais contados pelo maestro Edinho. Segundo Edinaldo Melo,

O maestro Edinho dizia que para vencer as retretas os maestros do passado tinham táticas musicais, inovavam arranjos, compunham novos dobrados e ensaiavam muito seus músicos. Todos sabiam que Abel Novaes, primeiro



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

clarinetista da Lyra Popular, na década de 1940, era um pouco cismado, emotivo. Na época a Bomfim era muito forte, reconhecida até na capital baiana. Seu Edinho falou que as duas filarmônicas saíram em desfile, a Lyra na frente e a Bomfim atrás. Ao chegarem na Rua das Flores ou Avenida Rafael Jambeiro, começa o medo da superioridade da Bomfim, cheia de músicos profissionais, a Lyra só tinha músico formado em sua escola de música. Então, seu Edinho disse que o maestro Aloísio Pimenta tinha uma arma secreta para vencer a Bomfim, uma música solada a clarineta. Mas, na hora do solo ninguém entendeu quando Abel tirou sua clarineta da boca. A sorte é que Aloísio Pimenta rapidamente improvisou um maravilhoso solo com seu barítono, levando o público ao delírio. Seu Edinho contou para a gente que professor Duca, maestro da Bomfim não só reconheceu a vitória da Lyra como chamou a atitude de Abel de uma agressão à música. Mas a atitude de Abel foi coisa de momento e foi perdoada. Abel foi mais tarde um dos grandes maestros de nossa filarmônica (MELO, 2007).

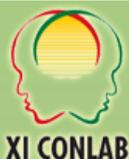
Edinaldo retira da memória mais um episódio que ele não vivenciou, “a memória é em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa” (POLLAK, 1992, p. 204), é um episódio de espionagem musical, comum em disputas de retretas entre filarmônicas,

O maestro da Bomfim João Mariano Sobral estava escondido no mato com a vela na mão para clarear a noite escura, não tinha lua. Seu ouvido era absoluto, só nós da música sabemos o que é isso, Sobral conseguia ouvir os ensaios, gravar a posição das notas e escrever nas partituras. Foi o que ele fez, ouviu o ensaio da rival Lyra decorou tudo e levou para ensaiar. No dia da retreta na Praça Pedro Luis, antes que a Lyra entrasse com o dobrado, a Bomfim tocou a entrada que a Lyra tinha ensaiado. Tudo foi descoberto na hora, teve armação, alguém ouviu, foi Sobral. A confusão musical estava armada no Beco da Paz (MELO, 2007).

Infelizmente as retretas em Castro Alves acabaram como aconteceu em outras cidades do Recôncavo Baiano e de outras regiões da Bahia. Isso permite concordar com a afirmação de Santana, “infelizmente as retretas não nos deliciam mais e não podemos nos alegrar com os debates entre bandas, cada uma em seu coreto procurando apresentar o melhor e mais rico repertório, com um desempenho musical exemplar” (SANTANA, 2009, p. 284). Contudo, atualmente é possível afirmar com segurança que as retretas marcaram a história da música instrumental da cidade de Castro Alves e de outras cidades baianas.

### **Sons de Músicos em Comemorações Cívicas, Cortejos Fúnebres e Procissões**

Além de memoráveis disputas de retretas no coreto, músicos das filarmônicas locais tocavam hinos, marchas e dobrados em comemorações cívicas da cidade de Castro Alves



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

B/A. Uma das comemorações mais lembradas foi a do centenário de nascimento do Poeta dos Escravos em 14 de março de 1947. Porém, o maior exemplo de participação de músicos das filarmônicas ocorreu na inauguração da Estátua do Poeta Castro Alves em 14 de março de 1967, aniversário de 150 anos de seu nascimento em 14 de março de 1847. A narrativa de Dona Marina Neri Cruz, Dona Nete, viúva do pistonista ou trompetista, 3º sargento da Banda do Corpo de Bombeiros da Bahia, Edson Vilas Boas, seu Edinho, que também foi maestro da Lyra Popular, é indispensável. Segundo Dona Nete,

No dia 14 de março de 1967, data da comemoração de 150 anos de nascimento do poeta Castro Alves e inauguração de sua estátua de bronze na Praça da Liberdade em nossa cidade, Edinho não tocou na Lyra, ele tocou trompete na Banda do Corpo de Bombeiros. O uniforme da Bomfim era muito bonito, foi comprado com o dinheiro do “Salve a Retreta”, era um uniforme de gala, a cor era caqui (CRUZ, 2010).

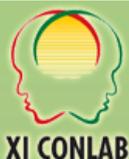
Os músicos também tocaram marchas fúnebres em homenagem à memória de membros das sociedades musicais. Tal costume constitui mais um ato de solidariedade cristã. Conforme o músico Fernando Pereira Nunes, Foen,

Comecei a tocar Bumbo na Lyra com o maestro Abel Novaes, entre os anos 1950 e 1960, toquei a marcha fúnebre Uma Cruz no funeral de Moncorvo, da sua casa até a Igreja, no velório na Igreja e no cortejo até o cemitério foram toques militares, porque Moncorvo era Segundo Tenente do Corpo de Bombeiros da Bahia (NUNES, 2010).

As procissões em homenagem a Nossa Senhora da Conceição era outro lugar onde os músicos tocavam marchas e hinos religiosos. Segundo Tinhorão (1998, p. 160, 161),

Esses escuros filhos da harmonia sempre encontram trabalho na entrada das Igrejas ou na celebração de festas, onde se postam a tocar peças alegres, aqueles grupos de instrumentistas negros eram os únicos fornecedores de um novo tipo de serviço urbano, o da música destinada ao entretenimento público. Tal exclusividade no campo da música valia por uma demonstração de superioridade cultural das camadas mais baixas das cidades.

Em Castro Alves também foram músicos negros e brancos pobres que tocaram no “ambiente da música de porta de igreja” (TINHORÃO, 1990). Santana escreveu sobre tocatas de músicos na porta de igrejas, “Em frente à Igreja, o coreto mutuipeense mediava à



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

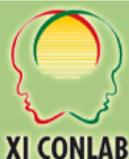
relação das bandas com o universo religioso da cidade, transformando sua musicalidade em algo importante para as comemorações católicas” (SANTANA, 2009, p. 275). O tomo da Paróquia de Castro Alves apresenta um registro de inserção das filarmônicas no universo religioso católico,

08/12/1975 - Festa da Padroeira de Castro Alves, Nossa Senhora da Conceição, coordenada pelo Apostolado da Oração, celebrada pelo Pe. Gilberto Vaz Sampaio, e concelebrada pelos Mons. João Pedreira do Couto Ferraz e Pe. Antonio José de Almeida. Abridhantaram sobremaneira a Festa as duas Filarmônicas da cidade e a da Polícia Militar de Salvador (DIOCESE DE AMARGOSA, [s.d.]).

Nesse contexto, a narrativa a seguir ilustra bem a participação de músicos das filarmônicas Bomfim e Lyra numa procissão de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade de Castro Alves e da Lyra Popular. O caixista Eronaldo Santos Neri, (Eron), conta, “na Procissão de 08 de Dezembro de 1996, a Bomfim, com músicos de fora, não tocou a marcha Morenita, os músicos da Lyra não se apertaram e tocaram com perfeição” (NERI, 2009). Mas, sobretudo, daqui para frente, vale registrar que músicos das filarmônicas Bomfim e Lyra Popular não tocaram apenas em disputas de retretas no coreto da Praça da Igreja Matriz, em Procissões, Cortejos Fúnebres e Desfiles Cívicos.

### **Sonoridades de Charangas e Bandas de Jazz**

A versatilidade desses artistas populares fez com que eles muitas vezes chegassem a trocar de instrumentos para tocar em charangas, cordões, trios elétricos e bandas de Jazz. Instrumentistas de sopro e percussão alegravam foliões nas ruas e em bailes de micareta nos clubes sociais de Castro Alves B/A. A narrativa de Vanderlei Nunes Rodrigues, Zaga, demonstra bem a hibridização cultural (CANCLINI, 2008), representada pelo acréscimo de ritmos vibrantes e dançantes próprios do negro de origem africana, “a maior contribuição dos africanos foi rítmica: imprimiam acentuada lascívia à nossa dança e nela introduziram o caráter dramático ou fetichista” (MARIZ *apud* MIRANDA, 2002, p. 57), aos sons de origem européia, italiana francesa e, sobretudo, portuguesa, emitidos na execução de marchas e dobrados (TINHORÃO, 1990). Segundo Vanderlei Nunes Rodrigues, Zaga,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

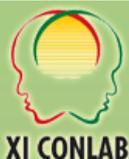
Grande emoção acometia a todos na saída do cortejo, a carroça enfeitada, puxada por um jumentinho, carregava potes com água de cheiro e crianças com roupas enfeitadas com laços de fita. Naquele momento minha avó Cecília muito bem vestida com sua roupa de baiana bastante colorida saía da porta de sua casa na Rua das Candeias com a bandeira de Nossa Senhora da Conceição, os foguetes começavam a estourar ao som do hino do Senhor do Bomfim tocado pelos músicos da cidade. Daí em diante era tudo alegria, batuques, samba, toques de caixa, bumbo e trompete até a Igreja Matriz, onde se realizava o ritual mais esperado que era lavar as escadarias da Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Depois quase todas as ruas de nossa cidade eram visitadas pelas baianas e fiéis que esperavam pelo banho de água de cheiro. A Rua do Tanque Novo, atual Rua da Cajá, não podia deixar de ser visitada porque no tanque que lá existia, as baianas reabasteciam suas moringas com água, flores e perfumes (RODRIGUES, 2008).

Segundo o músico Edinaldo Melo, tocador de tuba na Lyra Popular, “era muito gostoso tocar nas lavagens, quando a gente estava tocando na frente da Igreja Matriz, as baianas jogavam água de cheiro até para lavar, purificar e abençoar nós e os instrumentos” (MELO, 2010). Além das lavagens, músicos também animavam outras manifestações culturais populares. Edinaldo Melo falou “músicos das filarmônicas acompanhavam as Pastorinhas, nos Autos de Natal e Festas de Reis. Eles tocavam na brincadeira do Urso Frederico e na Capelinha de Maná ou Melão no São João” (MELO, 2010). O tocador de Bumbo Fernando Nunes, Foen, também diz,

Toquei no Trio Elétrico de Petrônio acho que foi na década de 60, Toquei nos cordões, blocos, em cima do trio elétrico. Toquei em muitas micaretas fora, eu ia tocar fora, Jequié, Itabuna, em Feira de Santana, foi tanto lugar. O trio ele comprou em Salvador, toquei Micareta no Lyra e na Bomfim, toquei também ai no Grêmio, quando fazia aqueles bailes de Américo Bidulino. Meu Bumbo, as caixas de Geraldo e Clóvis Baterista animaram o povo em muitas micaretas (NUNES, 2010).

Músicos formados nas escolas de música da Lyra Popular e da Bomfim também tocaram na banda de Jazz Tupan e na banda de Jazz Oliveira. Segundo o pistonista Edvaldo Pacheco,

Entrei na escola de música da Bomfim em 1971, aos 16 anos de idade, com dois anos na escola de música já sabia ler partituras e tocar. Tenho Carteira Profissional – Músico - Ordem de Músicos do Brasil, Conselho Regional do Estado da Bahia. Naquele tempo agente passava por uma prova escrita e prática, para ver se sabia mesmo tocar o instrumento. Toquei na Banda de Jazz Tupan aqui em Castro Alves e em muitas cidades da Bahia (PACHECO, 2010).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

A narrativa de Pacheco combina com a afirmação de Dona Tereza, “os músicos da Banda de Jazz Tupan eram da Filarmônica Bomfim (SILVA, 2010)”. E é completada por Dona Nete,

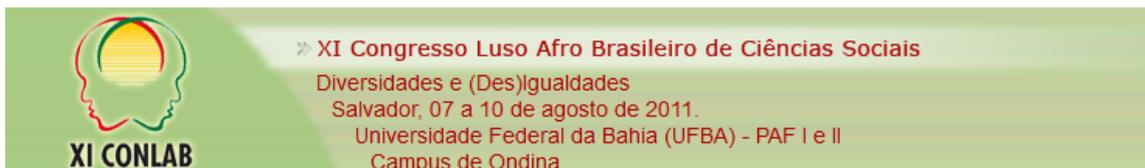
Desde a década de 1950 as bandas de jazz animavam os bailes nos clubes de Castro Alves. Os músicos da Lyra e da Bomfim tocavam nos Conjuntos de Festa, chamados de Bandas de Jazz, apesar do sucesso da Tupan e dos Boêmios a que mais teve sucesso tocando muito aqui e em muitas cidades foi à grande orquestra Oliveira (CRUZ, 2010)

Finalmente, em cinco décadas, instrumentistas formados nas filarmônicas locais, tocaram em Charangas, Trios Elétricos e Bandas de Jazz. Os músicos Foen, Geraldo, Clovis Bateria, Diu do Flautim, Mestre Sopa, Pacheco, Oliveira, Florzinho, Vadinho e Partidinho e os maestros Aloísio Pimenta, Sobral, Ester, Moncorvo, Abel, Edinho e outros constituíram histórias da música instrumental em Castro Alves – BA.

### **Considerações Finais**

Memórias e narrativas de músicos das Sociedades Filarmônicas Bomfim e Lyra Popular da cidade de Castro Alves – BA permitem ampliar o conhecimento sobre uma memória-histórica musical urbana, para além do que foi registrado nos livros de memorialistas e tomos da Paróquia da cidade. Dessa forma, fontes orais e iconográficas complementam os poucos registros escritos sobre as duas sociedades musicais castroalvenses. Isso deu maior visibilidade a instrumentistas formados nas filarmônicas locais, herdeiros do talento musical de seus predecessores.

A pesquisa ampliou o conhecimento sobre músicos que aprimoraram um dom e aprenderam a tocar instrumentos musicais nas mesmas escolas de música que formou seus antepassados. Isso ajudou a preencher algumas lacunas deixadas por uma suposta história oficial, que se limitou a registrar nomes de fundadores e membros de diretorias das duas filarmônicas locais e prêmios recebidos por elas em retretas e tocatas. Memórias e narrativas de músicos, familiares, amigos e expectadores revelaram tocatas da Bomfim e Lyra popular em diferentes momentos e lugares, percorrendo o trajeto da memória social



em direção a uma nova história cultural. Enfim, esses instrumentistas populares formados em escolas de música interioranas, deixaram um importante legado às novas gerações de músicos urbanos e protagonizaram a memória-histórica musical castroalvensê.

### **Fontes Orais**

Entrevista com Marina Neri Cruz, realizada por Aldo de Oliveira Andrade Júnior em Castro Alves, 05/05/2010

Entrevista com Edinaldo dos Santos Melo, realizada por Aldo de Oliveira Andrade Júnior em Castro Alves, 09/09/2007.

Entrevista com Eronaldo Santos Neri, realizada por Aldo de Oliveira Andrade Júnior em Castro Alves, 08/08/2009.

Entrevista com Edvaldo Queiroz Pacheco, realizada por Aldo de Oliveira Andrade Júnior em Castro Alves, 05/12/2010.

Entrevista com Fernando Antonio dos Reis, realizada por Aldo de Oliveira Andrade Júnior em Castro Alves, 04/10/2010.

Entrevista com Vanderlei Nunes Rodrigues, realizada por Aldo de Oliveira Andrade Júnior em Castro Alves, 05/06/2008.

Entrevista com Tereza dos Santos Silva, realizada por Aldo de Oliveira Andrade Júnior em Castro Alves, 10/06/2010.

Entrevista com Edgar Vilas Boas, realizada por Aldo de Oliveira Andrade Júnior em Castro Alves, 10/10/2010.

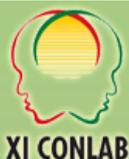
### **Referências bibliográficas**

BLUMETTI, Gustavo Lefundes, SOUZA, Walfredo Thales de Amorim e. **Livro em comemoração ao centenário da emancipação política da cidade de Castro Alves**, 1980.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade** – 4 ed. São Paulo: Editora da USP, 2008.

CHAMBERLAIN, Bobby J. Mercadores no templo: mídia e cultura de massa na ficção brasileira contemporânea. *In: Gragoatá*, Niterói, n° 6, p.9-23, sem. 1999.

CHAUI, Marilena. **Conformismo e resistência**. São Paulo: Brasiliense, 1986.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

DIOCESE DE AMARGOSA. **Tomo da Paróquia de Castro Alves**. Amargosa, [s.d.].

DIOCESE DE AMARGOSA. **Tomo da Paróquia de Castro Alves: Segundo Período**. Amargosa, [s.d.].

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Traduzido por Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

KOSSOI, Boris. **Fotografia e História**. 2 ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MIRANDA, Avelino Fernandes de. **A época de ouro do Corrente: Tempos (re) construídos**. Goiânia: Editora UCG, 2002.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória e cultura popular revisitada**. 5. Ed. São Paulo: Contexto, 2003.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, p. 200-212, 1992.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: Algumas reflexões sobre ética e história oral. *In: Projeto História*. São Paulo, n. 15, p. 13-49, abr. 2007.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Traduzido por Alain François [et al.]. – Campinas: Editora UNICAMP, 2007.

SANTANA, Charles. As Filarmônicas e a Música Urbana do Recôncavo In: LEAL, M<sup>a</sup> das Graças de Andrade; NONATO, Raimundo Pereira; CASTELUCCI JÚNIOR, Wellington (Orgs) **Capítulos de História da Bahia: Novos enfoques, novas abordagens**. São Paulo: Annablume, 2009, p. 267-285.

TEIXEIRA, Aurino de Azevedo. **Informações Históricas Sobre a Cidade de Castro Alves**, 1990.

TINHORÃO, Ramos José. **História Social da música popular brasileira**. Lisboa: Conurinho, 1998.